

O DERRAMAMENTO DE SANGUE, A VINGANÇA E O BODE EXPIATÓRIO: VELHAS EXPLICAÇÕES PARA COMPORTAMENTOS ATUAIS.

Carla Cristina Alves Torquato Cavalcanti.¹

Ricardo dos Santos Castilho²

Introdução

O sangue possui um valor simbólico incontestável, representa tanto o poder reprodutivo feminino quanto a violência e a agressividade. Derramar o sangue de alguém ou seu próprio constitui-se uma violação reprimida pela sociedade, pelos seus sistemas de controle, formais ou informais, proporcional a intensidade da lesão ao bem jurídico atingido.

Em alguns casos, cobra-se o sangue daquele que causou sofrimento ou que derramou sangue de outrem, em outros não há como punir aquele que tirou seu próprio sangue, a menos que se acredite em castigo divino. Para muitos, o ato de cortar sua própria carne é a única forma de exercer controle sobre seu corpo.

A metodologia utilizada foi a pesquisa qualitativa que consiste em identificar e interpretar as informações necessárias sobre o assunto investigado e estabelecer descritivamente os fenômenos a fim de promover uma análise do seu objeto, e a pesquisa bibliográfica, de modo a responder sobre algumas formas de como o sangue está relacionado a práticas violentas de se fazer justiça, aplacar angústias e estabelecer contato com o plano sobrenatural.

¹Doutoranda em Função Social do Direito pela FADISP, Mestre em Direito Ambiental pela Universidade do Estado do Amazonas. Possui graduação em Direito pela Universidade Federal Fluminense. Participa do Grupo de Estudos de Direito de Águas/UEA (GEDA). Coeditora da Revista Buriti - Direito, Sociedade e Sustentabilidade (ISSN 2595-6795). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3839800613491036> ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8902-7565>.

² Prof. Dr. dos Programas de Doutorado e Mestrado em Função Social do Direito na Faculdade Autônoma de Direito de São Paulo (PPGD-FADISP) e Diretor Executivo e Acadêmico da Escola Paulista de Direito – EPD. E-mail: rcjursp@gmail.com Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6275673344564572> ORCID : <https://orcid.org/0000-0001-9793-1511>

1 A proibição de derramamento de sangue

Ao refletirmos sobre o significado da expressão **proibição de derramamento de sangue (grifo nosso)**, imediatamente nos vem à cabeça a ideia da morte, isto é, a ordem ou comando, que proíbe um indivíduo tirar a vida de outrem. De fato, podemos utilizar a morte como sinônimo de derramamento de sangue, mas também podemos utilizá-la para se referir a qualquer outra prática que possa ferir ou lesar a integridade física de um corpo, seja o próprio ou de outrem.

Um dos instintos primordiais humano é o da autopreservação, que podemos conceituar como *a ação ou tendência para preservar a própria existência ou integridade* (PRIBERAM, 2019). Freud entendia que, logo no início da vida, o indivíduo já possuía as pulsões ou o instinto de autopreservação. Ele dava como exemplo os bebês, que buscavam um objeto para lhe proporcionar a satisfação de suas necessidades essenciais, como os cuidados com seu corpo, amparo, calor, amor e alimentação, sendo tais atividades desempenhadas pela mãe (ZIMMERMAN, 2008, p. 345).

O recém-nascido vive um estado de dependência absoluta e necessita, nessa fase, de um ambiente capaz de uma identificação tão íntima a ponto de ser capaz de responder adequadamente às suas necessidades. Este ambiente seria representado inicialmente pela mãe pois estaria ela vivenciando o estado emocional que denominou “preocupação materna primária”, um estado peculiar que a capacitaria para ser sensível às demandas do seu recém-nascido (ESTECA, 2012, p. 04).

Essa pulsão poderia tanto assumir a forma de um instinto quanto de um querer e sendo assim, o sentimento de autoconservação teria como objetivo a preservação da vida do indivíduo. Como essa vontade ou querer, antes de qualquer outra coisa, se refere exclusiva e diretamente a sobrevivência do ego, também são chamadas de pulsões do ego, ou interesses do ego (ZIMMERMAN, 2008, p. 345).

Matar alguém vai contra os sentimentos fraternais sociais, que constituem a base de todo desenvolvimento da sociedade. Freud, em “Totem e Tabu”, descreve que, os irmãos, ao discutirem os motivos que os levaram a matar o próprio pai e tomados pelo sentimento de culpa, combinaram entre si que jamais dariam uns aos outros o tratamento que destinaram ao pai, ou seja, a morte.

Após terem-se livrado dele, satisfeito o ódio e posto em prática os desejos de identificarem-se com ele, a afeição que todo esse tempo tinha sido recalçada estava

fadada a fazer-se sentir e assim o fez sob a forma de remorso. Um sentimento de culpa surgiu, o qual, nesse caso, coincidia com o remorso sentido por todo o grupo (2015, p.103).

Na verdade, tal decisão levou em consideração o fato de que, se eles eram livres para derramar o sangue do pai, o que os impediria de matarem uns aos outros? Então, o luto acerca da morte do pai, ou nas palavras de Freud, o pai enquanto um animal totêmico, isto é, aquele que era o objeto de culto dos filhos, foi permeado pela culpa e por sanções auto impostas: a interdição as mulheres do clã, que era exatamente o objetivo a ser alcançado com a destruição do pai, a liberdade das mulheres, para que a satisfação dos desejos sexuais a elas direcionados pudessem ser satisfeitos.

Assim, os irmãos anularam seu próprio ato, proibiram a morte do totem e renunciaram ao espólio que lhes caberiam, as mulheres. Estamos diante dos tabus do crime de parricídio e do incesto:

Criaram assim, do sentimento de culpa filial, os dois tabus fundamentais do totemismo, que, por essa própria razão, corresponderam inevitavelmente aos dois desejos reprimidos do complexo de Édipo. Quem quer que infringisse esses tabus tornava-se culpado dos dois únicos crimes pelos quais a sociedade primitiva se interessava (FREUD, 2015, p. 103).

A morte do pai, dentro de uma perspectiva religiosa, constituiu-se no desrespeito, no descumprimento de ditames sagrados e para que o conflito gerado por essa transgressão fosse apaziguado, fez-se o acordo social contra o fratricídio, e desse modo os irmãos preservariam todos aos quais estivessem ligados pelo parentesco (FREUD, 2015, p. 105).

Tempos depois essa proibição se estendeu a indivíduos fora do clã, assumindo então o comando simples de “Não matarás”, o que acarretava para a toda a sociedade o compromisso de respeitar este mandamento, punindo quem o transgredisse, pois se assim não o fosse todos estariam agindo como cúmplices (FREUD, 2015, p. 105).

Então, derramar o sangue de outrem é considerado um atentado contra duas ordens: a natural e a jurídica.

É difícil resistir à ideia de que, muito antes de uma tábua de leis ter sido legada por qualquer deus, esses selvagens estavam de posse de um mandamento vivo: ‘Não matarás’, cuja violação não passaria sem punição (FREUD, 2015, p. 33).

A história de Caim e Abel, conforme a bíblia, é o primeiro derramamento de sangue relatado pelo livro que compila o pensamento cristão. Esse crime possui uma carga trágica enorme: além de constitui-se num fratricídio, Deus foi o juiz e o pivô do crime.

Coabitou o homem com Eva, sua mulher. Esta concebeu e deu à luz a Caim; então disse: Adquiri um varão com o auxílio do Senhor.

Depois deu à luz a Abel, seu irmão. Abel foi pastor de ovelhas e Caim, lavrador (BÍBLIA, Gênesis, 4, 1 - 2).

Oliven (2009, p. 42) diz que o surgimento da inteligência humana está diretamente associado à noção do bem e do mal, à prática do pecado e à noção de responsabilidade. Ter responsabilidade significa ter a previsibilidade de que se alguma conduta ilícita for praticada, se alguém sofrer danos, ainda que exclusivamente moral e ou se alguma lei for desrespeitada, deve haver consequências.

A infração da proibição simboliza o começo da história humana. O Homem passa a ser conhecedor do bem e do mal. Sente vergonha (de estar despido) e aprende que sua ousadia em desafiar a autoridade divina será punida. **À transgressão da norma corresponde a vergonha e o castigo (grifo nosso)** (OLIVEN, 2009, p. 41).

Geralmente o deus das religiões monoteístas concede ao homem o livre arbítrio. No paraíso bíblico havia uma proibição, a de não comer do fruto da árvore do bem e do mal, porém a decisão de comer ou não cabia tão somente a Adão e a Eva.

No texto bíblico, deus, ao confrontar Caim, faz a exata menção ao sangue de Abel que denunciava o crime:

Passado algum tempo, Caim trouxe do fruto da terra uma oferta ao Senhor. Abel, por sua vez, trouxe as partes gordas das primeiras crias do seu rebanho.

O Senhor aceitou com agrado Abel e sua oferta, mas não aceitou Caim e sua oferta. Por isso Caim se enfureceu e o seu rosto se transtornou.

O Senhor disse a Caim: "Por que você está furioso? Por que se transtornou o seu rosto?"

Se você fizer o bem, não será aceito? Mas se não o fizer, saiba que o pecado o ameaça à porta; ele deseja conquistá-lo, mas você deve dominá-lo".

Disse, porém, Caim a seu irmão Abel: "Vamos para o campo". Quando estavam lá, Caim atacou seu irmão Abel e o matou.

Então o Senhor perguntou a Caim: "Onde está seu irmão Abel?" Respondeu ele: "Não sei; sou eu o responsável por meu irmão?"

Disse o Senhor: "O que foi que você fez? Escute! **Da terra o sangue do seu irmão clama por mim (grifo nosso)**. (BÍBLIA, Gênesis, 4, 3-11).

Ao contrário de Édipo, que estava fadado a um terrível destino, pois não importava o que fizesse, todas as suas escolhas o levariam, de uma forma ou de outra, a cumprir a previsão feita antes do seu nascimento: *Édipo se dirigiu sozinho a Delfos, para consultar o oráculo de Apolo a respeito da sua descendência. O deus nada disse quanto à sua pergunta, mas revelou que um dia ele mataria seu pai e casaria com sua mãe* (SÓFOCLES, 1998, p. 08)

Adão e Eva, por não conhecerem a noção do que era o bem e o mal, e conseqüentemente daquilo que poderia ser considerado uma conduta proibida, quando comeram o fruto interdito por Deus, não tinham como sentirem-se culpados, ao contrário de Caim, que nasceu num mundo onde essa noção já existia, então ele a carregaria para sempre (OLIVEN, 2009, p. 42)

Agora amaldiçoado é você pela terra, que abriu a boca para receber da sua mão o sangue do seu irmão.

Quando você cultivar a terra, esta não lhe dará mais da sua força. Você será um fugitivo errante pelo mundo".

Disse Caim ao Senhor: "Meu castigo é maior do que posso suportar".

Hoje me expulsas desta terra, e terei que me esconder da tua face; serei um fugitivo errante pelo mundo, e qualquer que me encontrar me matará".

Mas o Senhor lhe respondeu: "Não será assim; se alguém matar Caim, sofrerá sete vezes a vingança". E o Senhor colocou em Caim um sinal, para que ninguém que viesse a encontrá-lo o matasse (BÍBLIA, Gênesis, 4, 11-15).

Oliven (2009, p.42) chega à conclusão de que a punição que deus impôs a Caim é terrível por não permitir a expiação do crime e impediu sua reintegração na sociedade. Seu castigo é o sentimento de culpa que irá carregar para sempre.

Nota-se que mesmo tendo Caim derramado o sangue de Abel, deus não considera puni-lo com a morte, ao contrário, ele coloca em Caim uma marca, que ao mesmo tempo que lhe traria a vergonha, a lembrança de seu ato, um aviso para que ele não seja morto por ninguém e é claro, a culpa enquanto durasse a sua existência.

Outra comparação interessante que podemos fazer com a história de Caim e Abel é a ideia de deus como o animal totêmico que foi morto:

O assassinato de Abel pode ser interpretado não somente como um fratricídio, mas também, indiretamente, como um parricídio. Rejeitado pelo pai (simbolizado em Deus), que não se agradou de sua oferta, Caim resolve matá-lo. Na impossibilidade de atingi-lo diretamente, mata-o de modo simbólico, destruindo seu irmão Abel pelo qual fora preterido (OLIVEN, 2009, p. 44).

É interessante observar que é neste contexto que vem a surgir a primeira cidade bíblica, já que o texto sagrado relata que Caim, depois da sentença a qual foi condenado, ergueu uma cidade a qual dá o nome de seu filho, Enoque:

Retirou-se Caim da presença do Senhor e habitou na terra de Node, ao oriente do Éden.

E coabitou Caim com sua mulher; ela concebeu e deu à luz a Enoque. Caim edificou uma cidade e lhe chamou Enoque, o nome de seu filho. (BÍBLIA, Gênesis, 4, 16 - 17).

Na mitologia bíblica, a primeira cidade nasce, portanto, como decorrência de um crime, mais especificamente de um fratricídio.

2 O Sacrifício

A dinâmica entre os seres humanos e os deuses pode ser definida como uma relação de dependência. Um necessita do outro, pois os deuses, para não serem esquecidos, precisam manter um culto vivo em torno de si, pois isso os fortifica enquanto objeto de adoração:

Assim, o sacrifício veio a ser rapidamente considerado a condição mesma da existência divina. É ele que fornece a matéria imortal de que vivem os deuses. Desse modo, não somente é do sacrifício que nascem alguns deuses, mas ainda é pelo sacrifício que todos conservam a sua existência. O sacrifício acabou então por se revelar como a essência e a origem dos deuses, o seu criador (MAUSS e HUBERT, 2013, p. 73).

Já o homem, precisa lidar com forças que são maiores que ele, como por exemplo as forças da natureza, a manutenção da saúde, provisão de alimentos, com acontecimentos futuros e incertos ou de algum perigo indeterminado e ameaçador, pois a violência acaba sendo um elemento que determina nosso comportamento, limitando ou nos impedindo de fazer algo:

O sujeito volta-se para a religião em momentos críticos, visto que o medo de perdas, de patologias e da morte impulsiona o humano em busca de um poder sagrado capaz de proporcionar ordem e significado em sua vida. A religião exerce a função de refúgio, no qual o sujeito encontra a possibilidade de salvação e cura, buscando, através da fé, sentidos para enfrentar as limitações impostas pelo caráter transitório da existência e suas vicissitudes (TEIXEIRA et al, 2010, p. 124)

Desse modo, os seres humanos negociam com deus ou com os deuses, para que lhes seja facilitada a vida neste mundo e, por que não, na vida após a morte:

Um dos primeiros grupos de seres com os quais os homens tiveram de estabelecer contrato, e que por definição estavam aí para contratar eram os espíritos dos mortos e dos deuses. Com efeito, são eles os verdadeiros proprietários das coisas e dos bens do mundo (MAUSS e HUBERT, 2013, p. 31).

Uma das formas encontradas para estabelecer essa relação de consagração/proteção é através do sacrifício. Mauss e Hubert nos escrevem que podemos considerar o sacrifício como *um ato religioso que mediante a consagração de uma vítima modifica o estado da pessoa moral que o efetua ou de certos objetos pelos quais ela se interessa* (2017, p. 16).

De acordo com Mauss e Hubert, os sacrifícios se dividem em constantes e ocasionais. Os ocasionais se dividem em sacramentais, que são realizados nos momentos mais importantes da vida de um indivíduo, como no nascimento e no casamento; os solenes, que conferem qualidade religiosa e civil superior a todos os outras, como por exemplo na unção de um rei; os votivos, e por fim os sacrifícios curativos e expiatórios (2017 p. 16-17).

Os sacrifícios constantes, ou periódicos são realizados independente da vontade dos homens e do acaso das circunstâncias, como o sacrifício da lua cheia e da lua nova, das festas sazonais e pastoris (MAUSS e HUBERT, 2017 p. 16-17).

Algo importante a se ressaltar é que a palavra sacrifício também pressupõe sangue derramado, mas nem sempre isso ocorre, pois, a oferta a ser sacrificada ao deus pode ser constituída de vegetais, frutas ou leite, ou mesmo um ex-voto, cuja consagração não altera sua natureza, apenas seu caráter, que passa ao domínio religioso.

O ex-voto se constitui em uma expressão religiosa, artística e cultural caracterizada pela prática de oferendas aos santos como forma de agradecimento pelas promessas alcançadas. Ao ofertar o ex-voto, ocorre o pagamento da dívida que foi contraída no ato do pedido, *finalizando o processo característico da prática votiva que é constituído por três estágios principais: a realização do voto, a manifestação do milagre e o pagamento da promessa* (TEIXEIRA et al, 2010, p. 126).

Outras vezes, ao contrário, a cerimônia destrói o objeto apresentado, e nessas condições, *sacrifício é toda dádiva, mesmo vegetal, em que a oferenda ou uma parte dela é destruída, e neste caso as energias religiosas em jogo são mais fortes e, assim, devastadoras* (MAUSS e HUBERT, 2017 p.15).

O fato é que o “sacrificante”, ou seja, o indivíduo que recolhe os benefícios ou recebe os efeitos do sacrifício, ao término da cerimônia, não é mais o mesmo, *pois adquiriu um caráter*

religioso que não possuía, ou se desembaraçou de um caráter desfavorável que o afligia; elevou-se a um estado de graça ou saiu de um estado de pecado. Em ambos os casos ele é religiosamente transformado (MAUSS e HUBERT, 2017, p.13).

3 O Bode Expiatório

Ainda na seara bíblica, o deus do antigo testamento geralmente se mostra implacável com aqueles que não pertencem ao seu povo:

Israel terminou de matar os habitantes de Ai no campo e no deserto, onde os tinha perseguido; eles morreram ao fio da espada. Depois disso, todos os israelitas voltaram à cidade de Ai e mataram os que lá haviam ficado. Doze mil homens e mulheres caíram mortos naquele dia. Era toda a população de Ai (BÍBLIA, Josué, 8, 22-25).

Ou neste outro:

Porém, das cidades destas nações, que o Senhor teu Deus te dá em herança, nenhuma coisa que tem fôlego deixarás com vida. Antes destruí-las-ás totalmente: aos Heteus, e aos amorreus, e aos cananeus, e aos Perizeus, e aos Heveus, e aos Jebuseus, como te ordenou o Senhor teu Deus (BÍBLIA, Deuteronômio, 20, 16-17).

Nos dois exemplos citados acima, as vítimas possuem uma característica em comum: são estrangeiras, ou seja, como não são judeus, não pertencem ao povo escolhido por deus, são passíveis de serem eliminados, pois nas palavras de Girard (2004, p. 26) os estrangeiros são uma categoria vitimária preferencial, são *handcapped*, isto é, são portadores de desvantagens.

O referido autor dá o exemplo de Maria Antonieta, rainha da França, que durante a Revolução Francesa, por ocasião de seu julgamento, tinha sua origem austríaca constantemente lembrada nas acusações populares, ou como nas palavras do autor: *ela não é só rainha, mas também uma estrangeira e o tribunal que a condena é totalmente influenciado pela população* (GIRARD, 2004, p. 26).

As categorias vitimárias, ou os portadores de sinais vitimários, são indivíduos ou um grupo de indivíduos, que são mais facilmente considerados indesejáveis pela comunidade e se diferenciam por serem uma justaposição de estereótipos, como exemplo o doente, seja o mental ou aquele que possui uma deformação genética, bem como as mutilações acidentais; pode ser o indivíduo que experimenta dificuldades de adaptação; o estrangeiro e as minorias étnicas; o provinciano; o órfão; o filho de família; o desprovido ou simplesmente, o último a chegar (GIRARD, 2004, p. 27).

Segundo Girard, é exatamente essa justaposição de estereótipos que leva a uma pessoa ou toda uma categoria delas a serem perseguidas. Mas por que essa perseguição ocorre? para responder a essa pergunta, primeiro vamos entender o que é um bode expiatório.

De acordo com o antigo testamento da Bíblia, Yahweh ordena que uma vez por ano o povo judeu celebre uma espécie de ritual onde o sumo sacerdote deveria, numa cerimônia, oferecer sacrifícios pelos pecados de todo o povo de Israel. Esse sacrifício promoveria a expiação, ou seja, o perdão dos pecados do povo, com a oferta de uma vítima que seria imolada à Deus. Para esta cerimônia, dois bodes eram escolhidos, um deles era imolado em nome dos pecados de todos:

Assim, fará expiação pelo santuário por causa das impurezas dos filhos de Israel, e das suas transgressões, e de todos os seus pecados. Da mesma sorte, fará pela tenda da congregação, que está com eles no meio das suas impurezas (BÍBLIA, Levítico, 16, 16).

E o outro bode, que era chamado de bode emissário, ou bode expiatório, era solto no deserto e levava consigo os pecados que lhe foram passados pelas mãos do sumo sacerdote.

Arão porá ambas as mãos sobre a cabeça do bode vivo e sobre ele confessará todas as iniquidades dos filhos de Israel, todas as suas transgressões e todos os seus pecados; e os porá sobre a cabeça do bode e enviá-lo-á ao deserto, pela mão de um homem à disposição para isso. Assim, aquele bode levará sobre si todas as iniquidades deles para terra solitária; e o homem soltará o bode no deserto (BÍBLIA, Levítico, 16, 7-10).

Para Girard, os momentos de crise e de enfraquecimento das instituições sociais favorecem o aparecimento de multidões em busca de alguém para culpar, para descarregar toda a sua revolta e insatisfação acerca da situação. Segundo o autor existe um consenso de que a vítima, ou o bode, é inocente, porém isso não faz diferença, pois ela é um inquietante personagem dentro da sociedade: *Todos compreendem que a vítima sem dúvida nada fez daquilo que lhe reprovam, mas que nela tudo a designa para servir como exutório da angústia ou da irritação de seus concidadãos* (GIRARD, 2004, p. 41).

4 O Suicídio

Existem diferenças socioculturais acerca do suicídio. Na Grécia antiga, o indivíduo não tinha decisão pessoal sobre sua vida, não podendo se suicidar sem a prévia autorização da

comunidade. O suicídio era considerado uma desonra, somente tolerado, inclusive sendo considerado um ato de nobreza, durante a guerra, como uma forma de negativa de rendição ou traição de seu povo, o que de certa forma podemos considerar um paradoxo, já que o suicídio não é uma morte gloriosa (RIBEIRO, 2016, p. 02).

O estado grego o considerava uma violação ao espírito comunitário e negavam aos suicidas o sepultamento em locais sagrados, bem como praticavam rituais de escárnio sobre o cadáver. Na Roma antiga, durante a República, as regras acerca do suicídio eram semelhantes às dos gregos, sendo visto como uma forma de enfraquecimento do grupo social.

Com a adoção dos credos monoteístas, a opinião sobre o suicídio se modificou, pois enquanto os gregos e romanos pensavam no cristianismo, judaísmo e islamismo, a vida era considerada divina e sagrada, passando o suicídio ser considerado um ato injusto, não digno, sujeito à punição de não merecer os rituais de velório e enterro, bem como originar diversas superstições, como por exemplo o vampirismo (RIBEIRO, 2016, p. 02).

De acordo com Ribeiro (2016, p. 04) foi durante a Revolução Francesa, que se promoveu a primeira descriminalização do suicídio na Europa moderna, tanto que não há qualquer referência dessa conduta no Código Penal Francês de 1791 ou no Código Napoleônico de 1810.

Segundo dados da Organização Mundial da Saúde, em todo o mundo, o suicídio foi a causa da morte de cerca de 800.000 pessoas no ano de 2018 (ONU, 2019).

O Brasil, desde a década de 1960, apesar da queda nas mortes por doenças infecciosas e parasitárias, tem convivido com um aumento constante nas mortes por causas externas. O suicídio atualmente ocupa o terceiro lugar nesse ranking, ficando atrás, respectivamente, dos homicídios e dos acidentes de trânsito (ONU, 2019).

Na tentativa de compreender o suicídio, a partir de sua teoria e método sociológico, Durkheim determinou que os fatos sociais devem ser compreendidos como coisas e a sociedade deve ser estudada a partir da consciência coletiva que ela produz sobre os indivíduos (2004, p. 50). Segundo o autor, as características dos fatos sociais são:

- 1) **A coercitividade** - Ele exerce um poder que leva o indivíduo a realizar ações que muitas vezes são feitas contra a sua vontade;
- 2) **A exterioridade** - O fato social está pronto e constituído na sociedade antes mesmo do nascimento dos indivíduos que virão a fazer parte dela;

- 3) **A generalidade** - Ele é geral porque atinge todas as esferas da sociedade e todos os seus participantes.

Durkheim sustenta a afirmação de que o suicídio não é uma causa individual, mas sim uma causa social. Ele conceitua o suicídio como toda a morte que *resulta direta ou indiretamente de um ato, positivo ou negativo, realizado pela própria vítima e que ela sabia que ela produziria esse resultado* (2004, p. 55).

Ele procurava responder o porquê do suicídio, enquanto um fato social, interessar aos estudos sociológicos. Durkheim sustenta a afirmação de que o suicídio não é um fenômeno individual e sim social, pois cada sociedade tem em sua história um conjunto de indivíduos dispostos ao suicídio, onde essa disposição deve ser estudada não apenas pelos fenômenos orgânico-psíquicos ou do meio físico no qual os indivíduos estão situados, mas sim segundo as causas sociais que geram os fenômenos coletivos (DURKHEIM, 2004).

Durkheim elaborou então um estudo que no qual traz o conceito de três tipos de suicídio: o egoísta, o altruísta e anômico.

- 1) **Suicídio egoísta** - Quanto maior o afastamento e individualização perante os grupos sociais que produzem determinadas maneiras de agir, pensar e sentir capazes de manter a consciência coletiva acima da consciência individual, maior a chance de cometer suicídio;
- 2) **O suicídio altruísta** - Ocorre de maneira inversa ao suicídio egoísta, pois o indivíduo se mata por sentir-se no dever de cometer esse ato em prol do bem-estar da sociedade ou do grupo social no qual está inserido;
- 3) **O suicídio anômico** - Está diretamente relacionado com as questões sociais. Quando a sociedade se vê perturbada, seja por crises econômicas e políticas ou por guerras e por revoluções radicais, ela se torna incapaz de exercer uma moralização sobre o indivíduo.

Os fatores de risco para o suicídio, segundo o Ministério da Saúde são (2017, p. 02)

- 1) Transtornos mentais, como depressão, alcoolismo, esquizofrenia;
- 2) Questões sociodemográficas, como isolamento social; psicológicos, como perdas recentes;
- 3) Condições clínicas incapacitantes, como lesões desfigurantes, dor crônica, neoplasias malignas.

Já o relatório de mortes por suicídio no Brasil (BRASIL, 2017) entre os anos de 2011 a 2016, obteve as seguintes informações:

A maioria (62%) por enforcamento. Os homens concretizaram o ato mais do que as mulheres, correspondendo a 79% do total de óbitos registrados.
Os solteiros, viúvos e divorciados, foram os que mais morreram por suicídio (60,4%).
Na comparação entre raça/cor, a maior incidência é na população indígena. A taxa de mortalidade entre os índios é quase três vezes maior (15,2) do que o registrado entre os brancos (5,9) e negros (4,7).
Entre os jovens de 15 a 29 anos, o suicídio é maior entre os homens, cuja taxa é de 9 mortes por 100 mil habitantes.
Entre as mulheres, o índice é quase quatro vezes menor (2,4 por 100 mil). Na população indígena, a faixa etária de 10 a 19 anos concentra 44,8% dos óbitos.
Tentativas - 48.204 tentativas de suicídio. Ao contrário da mortalidade, foram as mulheres que atentaram mais contra própria vida, 69% do total registrado.
Por raça/cor, a população branca (53,2%) registrou maior taxa. Do total de tentativas no sexo masculino, 31,1% tinham entre 20 e 29 anos. Além disso, 58% dos homens e mulheres que tentaram suicídio utilizaram substâncias que provocaram envenenamento ou intoxicação.
Total de 62.804 mortes

5 Lesões auto impostas

Para Le Breton, a pele *envolve o corpo, os próprios limites, estabelece a fronteira entre o dentro e o fora de maneira vívida, porosa, pois ela também é uma abertura para o mundo, uma memória viva* (2010, p. 27).

Jovens, em situação de conflito, em choque com o meio em que vivem, em situação de sofrimento psicológico ou mesmo querendo marcar seu lugar no mundo, se auto infligem lesões pelo corpo, que vão desde piercings; tatuagens; incisões; escarificações; queimaduras e a inserção de objetos sob a pele.

Segundo o autor, estes atentados à integridade corporal, em princípio, não dizem respeito ao desejo de morrer, *não são tentativas de suicídio, mas tentativas de viver* (2010, p 28). Muitos desses jovens são acometidos por grandes angústias e veem na escarificação uma válvula de escape, elas materializam o sofrimento sob a forma da incisão e do sangue (LE BRETON, 2010, p. 29).

Le Breton afirma ainda que estes comportamentos dolorosos são formas de adaptação a uma situação pessoal de muita dor e são pedidos de ajuda que não devem ser encarados com indiferença, onde os órgãos de saúde pública, organizações de prevenção, de apoio aos adolescentes, deverão ser mobilizados para impedi-los ou, se não for possível, para acompanhá-los e reduzir a violência.

Ele finaliza dizendo que se constitui como dever da sociedade convencer os jovens de que *sua existência é preciosa, e de desviá-los desses jogos de morte para levá-los aos jogos de viver* (LE BRETON, 2010, p. 32).

6 A Vingança

Face ao sangue derramado, a única vingança satisfatória é o derramamento do sangue do criminoso (GIRARD, 2014, p. 55). Com essa frase temos mais um aspecto do derramamento de sangue, a vingança. Para muitos a vingança é uma espécie de legítima defesa tardia, isto é, a retribuição a um ataque sofrido anteriormente. Na perspectiva de quem sofreu a perda, algo está errado, fora do lugar, e a punição do criminoso funciona como uma vaga tentativa de restabelecimento da ordem.

Diversas obras primas da literatura possuem como enredo principal a vingança. Hamlet, de William Shakespeare, conta a história do Príncipe Hamlet, que tenta vingar a morte de seu pai, Hamlet, o rei, executado por Cláudio, seu irmão que o envenenou e em seguida tomou o trono casando-se com a rainha. Já O Conde de Monte Cristo, de Alexandre Dumas, é uma perfeita história de vingança. O Conde, após ficar 23 anos na prisão destrói todos aqueles que tramaram contra ele, em especial seu melhor amigo, que o traiu e ainda se casou com a sua amada.

O clamor por justiça geralmente esconde um anseio mais profundo, o desejo de vingança. Hobbes chama de ânsia de vingança *desejo de causar dano a outrem, a fim de levá-lo a lamentar qualquer de seus atos* (2003, p. 82).

Já Maquiavel, em “O Príncipe”, aconselha o governante sobre como lidar com a família de um príncipe inimigo deposto, indicando que quem deseja conservar suas conquistas deve ter em mente duas precauções: *uma é extinguir o sangue do antigo príncipe; outra é não alterar leis e impostos*” (1997, p. 45) para então concluir *que se é verdade que os homens podem vingar-se das ofensas leves, das grandes não o podem, por isso, a ofensa que se fizer a um homem deverá ser de tal ordem que não se tema a vingança* (2001, p. 10).

A vingança é considerada uma dívida de sangue, no sentido de ela compromete a todos que ligados pelo parentesco com a vítima:

derramar o sangue de alguém significa, em última escala, derramar o sangue de todos os indivíduos pertencentes ao mesmo clã, da mesma linhagem que a vítima; não cobrar o sangue significa assumir perante todos fraqueza e, conseqüentemente, receber a pior das penas, a desonra pública (MILNER, 2014, p. 23).

O vingador é o instrumento de algo que na maioria das vezes já fugiu ao controle dele, se tornando algo irracional, mas que sempre irá oscilar entre os papéis de vítima e carrasco; de morto e de assassino e de juiz e réu. Cada vida é única e logicamente é impossível desfazer um assassinato e trazer a vida a vítima anterior.

O fato é que o objetivo da vingança nunca será restituir a vida, mas eliminar o homicida e para deter um assassino é necessário formar um outro assassino. Não existe equilíbrio e o ciclo pode se prolongar infinitamente (MILNER, 2014, p. 24).

É muito interessante esta literatura de cordel que traz a ideia de vingança e perdão, de autoria de Bráulio Bessa (AGOSTO VIOLETA, 2019).

A vingança só dura um instante e o perdão dura uma eternidade

Há quem diga que quem bate logo esquece
quem apanha é quem se lembra da ferida
que se torna cicatriz por toda vida
muitas vezes em alguém que nem merece
é na hora que a justiça esmorece
que a vingança ganha traços de maldade
e o ódio lhe assalta a liberdade
lhe deixando preso a esse mal cortante
a vingança dura apenas um instante
e o perdão dura uma eternidade
acredite e nunca perca a esperança

que a justiça tenha sempre precisão
na balança vinte gramas de perdão
pesam mais que vinte quilos de vingança
há quem diga: quem perdoa um dia cansa
pois pergunte isso a Deus, por caridade
já pensou se ele cansasse de verdade
se tornando vingativo e intolerante...
a vingança dura apenas um instante
e o perdão dura uma eternidade
perdoar talvez seja um recomeço
não entenda isso como esquecimento

siga em frente que Deus faz o julgamento
 cada um paga a conta no seu preço
 a justiça nunca erra o endereço
 mesmo cega, enxerga o mal e a bondade

perdoar não lhe faz fraco e covarde
 lhe faz forte, lhe faz livre e tolerante
 a vingança dura apenas um instante
 e o perdão dura uma eternidade.

Considerações Finais

Sangue bom e sangue do meu sangue são expressões populares que reportam a sentimentos positivos, que fazem menção respectivamente ao bom caráter, as relações de parentesco e ao pertencimento a um grupo social.

Quando o sangue é derramado, pressupõe-se o rompimento de uma ordem jurídica, social e divina que deve ser restabelecida, pois caso não seja, restará a sensação de impunidade e de injustiça, trazendo com ela a vingança, que na maioria das vezes não consegue atingir tão somente o criminoso, mas tudo aquilo que remete a ele, ao que inquieta, incomoda e é diferente, que escancara o desequilíbrio que fazemos de conta que não vemos.

É evidente que fazer justiça com as próprias mãos traz apenas um bem-estar momentâneo, porquanto se o sangue uma substância de vida e de morte, revestido de poder simbólico, mas como reprimir alguém que já está se auto punindo? Talvez esse seja o único poder, que ela possua, fazer jorrar seu próprio sangue.

REFERÊNCIAS

AGOSTO VIOLETA. **A vingança só dura um instante e o perdão dura uma eternidade.** Disponível em < <http://agostovioleta.org.br/vinganca-so-dura-um-instante-e-o-perdao-dura-uma-eternidade/>> Acesso em 04 jun. 2019.

BIBLIA. **Bíblia Sagrada online.** Disponível em < <https://www.bibliaonline.com.br/nvi/gn/4>> Acesso em 25 mar 2019.

BRASIL Ministério da Saúde. **Suicídio. Saber agir e prevenir.** Disponível em < <http://portalarquivos2.saude.gov.br/images/pdf/2017/setembro/21/2017-025-Perfil-epidemiologico-das-tentativas-e-obitos-por-suicidio-no-Brasil-e-a-rede-de-atencao-a-saude.pdf> > Acesso em 03 jun. 2019.

DURKHEIM, Emile. **O Suicídio e outros textos.** São Paulo: Nova Cultural. 2004.

ESTECA, Fabiana Mara. **A mãe e o desenvolvimento infantil nas teorias psicanalíticas.** Disponível em < <http://www.revistaunib.com.br/vol4/41.pdf> > Acesso em 04 jun. 2019.

FREUD, Sigmund. **Totem e Tabu**. Disponível em <<http://conexoesclinicas.com.br/wp-content/uploads/2015/01/freud-sigmund-obras-completas-imago-vol-13-1913-1914.pdf>> Acesso em 25 mar 2019.

GIRARD, René. **O bode expiatório**. São Paulo: Paulus, 2004.

HOBBS, Thomas. **O Leviatã**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

LE BRETON, David. **Escarificações na adolescência: uma abordagem antropológica**. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832010000100003> Acesso em 22 maio, 2019.

MAQUIAVEL, Nicolo. **O Príncipe**. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1997.

MAUSS, Marcel; HUBERT, Henri. **Sobre o sacrifício**. São Paulo: Ubu, 2017.

MILNER, Marcos Nogueira. **Entre a Honra e a Vingança: Considerações Sobre a Reciprocidade Violenta no Brasil**. Disponível em <http://www.cis.puc-rio.br/assets/pdf/PDF_CS_1438110288.pdf> Acesso em 20 maio. 2019.

OLIVEN, Ruben. **Metabolismo social da cidade e outros ensaios** [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2009. 4 – **O mito de Abel e Caim e o surgimento da cidade bíblica**. Disponível em <<http://books.scielo.org/id/mth59/pdf/oliven-9788579820120-04.pdf>> Acesso em 25. Mar 2019.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Quase 800 mil pessoas se suicidam por ano**. Disponível em <<https://nacoesunidas.org/oms-quase-800-mil-pessoas-se-suicidam-por-ano/>> Acesso em 03 jun. 2019.

PRIBERAM. **Dicionário da Língua Portuguesa**. Disponível em <<https://dicionario.priberam.org/auto-preserva%C3%A7%C3%A3o>> Acesso em 25 mar 2019.

RIBEIRO, Daniel Mendelski. **Suicídio: critérios científicos e legais de análise**. Disponível em <<http://egov.ufsc.br/portal/sites/default/files/anexos/12595-12596-1-PB.pdf>> Acesso em 03. Jun. 2019.

SÓFOCLES. **A trilogia Tebana**. 8 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

TEIXEIRA, Leônia Cavalcante; CAVALCANTE, Maitê Mota; BARREIRA, Karine Sindeaux AGUIAR, Aline Costa; GONÇALVES, Shirley Dias ; AQUINO, Elissandra de Castro. (2010). **O corpo em estado de graça: ex-votos, testemunho e subjetividade**. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v22n1/v22n1a15.pdf>> Acesso em 03 jun. 2019

ZIMMERMAN, David. **Vocabulário contemporâneo de psicanálise**. Porto Alegre: Artmed, 2008.